

TRADUÇÃO INTRALINGUAL E PRODUÇÃO DE TEXTO

Edna Maria F. S. NASCIMENTO¹

- RESUMO: Este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da tradução intralingual para a produção de microuniversos discursivos. Para tanto, parte-se do pressuposto de que o texto se constrói como uma seqüência de paráfrases definicionais/denominativas.
- UNITERMOS: Definição/denominação; paráfrase; tradução intralingual; texto.

É lugar comum em trabalhos atuais de Lingüística o reconhecimento da metalinguagem natural, essa propriedade *sui generis* que diferencia as línguas naturais dos demais sistemas sígnicos. Entre outros autores que se preocuparam com esse tema, Roman Jakobson, Josette Rey-Debove e Catherine Fuchs destacam-se porque se dedicam, em parte de suas obras, a descrevê-la.

Jakobson, no seu famoso artigo *Lingüística e poética* chama de anacrônicos um lingüista surdo à função poética e um especialista de literatura indiferente aos problemas lingüísticos e ignorante dos métodos lingüísticos. Vai mais longe e reivindica para a Lingüística o direito e o dever de empreender a investigação da arte verbal em toda a sua amplitude e em todos os seus aspectos:

(...) concluí com a mesma máxima que resumia meu informe à conferência que se realizou em 1953 aqui na Universidade de Indiana: *Linguista sum; linguistici nihil me alienum puto*. Se o poeta Ransom estiver certo (e o está) em dizer que "a poesia é uma espécie de linguagem", o lingüista, cujo campo abrange qualquer espécie de linguagem, pode e deve incluir a poesia no âmbito de seus estudos. (1969, p. 161-2)

Da mesma forma que Jakobson escreve um artigo para lembrar ao lingüista que a linguagem poética faz parte de seu universo de descrição, dedica um outro, com os mesmos propósitos, à metalinguagem natural. No texto *Il metalinguaggio come problema linguistico* propõe:

1. Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

Un'ultima osservazione prima di concludere: la scienza del linguaggio ha oggi di fronte un compito urgente da assolvere; le si richiede un'analisi sistematica dei significati lessicali e grammaticali. In questa prospettiva, si dovrà guardare al metalinguaggio come a un problema intimamente linguistico.

Ogni messaggio verbale comporta, nella selezione e nella combinazione dei suoi costituenti, un ricorso al codice dato. Ma si fa sempre più strada la coscienza che la composizione di qualunque messaggio poggia su un insieme di operazioni metalinguistiche latenti. (1978, p. 98)

Rey-Debove, por sua vez, no livro intitulado *Le métalangage. Étude linguistique du discours sur le langage*, postula uma competência metalingüística assim definida:

On parlera de compétence métalinguistique pour signifier 'compétence pour le métalangage'. La compétence linguistique permet de produire des phrases acceptables sur le monde, la compétence métalinguistique, de produire des phrases acceptables sur la langue, notamment celles qui affirment que les phrases sur le monde sont ou non acceptables. (1978, p. 21)

Partindo do pressuposto de que o falante desenvolve simultaneamente uma competência lingüística e uma competência metalingüística, Rey-Debove descreve, a partir de um corpus constituído de exemplos da língua francesa, os procedimentos metalingüísticos. Pensando nos universais metalingüísticos, propõe que cada especialista deve descrever essa propriedade da linguagem a partir da sua língua de estudo:

On laissera donc aux spécialistes le soin de donner de descriptions du métalangage de leur langue d'étude; l'ensemble de ces descriptions pourra seul fournir la matière d'un travail sur les universaux métalinguistiques. (1978, p. 10-11)

Catherine Fuchs é de opinião que a metalinguagem natural seja tratada, no âmbito da Lingüística Geral, como uma paráfrase:

Nous rappellerons tout d'abord la place essentielle qu'occupe le paraphrasage parmi les activités de langage: pouvoir paraphraser, c'est témoigner que l'on maîtrise une (ou des) langue(s) en particulier, et la faculté de langage en général. A ce titre, le phénomène paraphrastique se révèle être une caractéristique du langage, dont l'étude relève, en droit, de la 'linguistique générale' (...) Pourtant, il est remarquable de constater que la paraphrase n'a guère été étudiée sous cet angle, c'est-à-dire à la fois en tant qu'activité de langage et sur le langage. (1982, p. 91)

Considerando a paráfrase como um julgamento metalingüístico de identificação, citando o trecho abaixo de Apresjan, Fuchs lembra que a aquisição do código vincula-se à faculdade metalingüística de parafrasear:

Un locuteur qui connaît le sens des mots dans la langue qu'il utilise manifeste ce savoir par sa capacité à exprimer le même contenu de différentes façons, et un récepteur qui connaît les sens des mots manifeste ce savoir par sa capacité à reconnaître l'équivalence sémantique entre expressions de formes différentes. (1982, p. 91)

Partindo das palavras de Apresjan, Fuchs (p. 94) observa que é difícil de datar exatamente o aparecimento da capacidade de parafrasear no homem. Entretanto, ressalta a autora que diversos estudos feitos sobre a aquisição da linguagem permitem

revelar fatos interessantes. Por exemplo, com cerca de dois anos a criança elabora enunciados com dois termos e já manifesta a capacidade de produzir seqüências do tipo A-B (Chemise papa) ou B-A (Papa chemise). Esses tipos de enunciados são exercícios iniciais da atividade metalingüística de parafrasear; eles demonstram a diversidade de expressão para uma mesma relação de base.

Mas dessa tentativa de estabelecer equivalências, ensaiada logo nos primeiros anos de vida, não foi explorado ainda um aspecto relevante: o papel da tradução intralingual na produção discursiva enquanto suporte de todo o sentido intradiscursivo.

O falante, que desenvolve normalmente a capacidade de tradução intralingual, ao deparar com enunciados mais complexos, traduz por meio de uma definição lingüística as palavras encontradas; ou ao contrário, ao deparar com uma definição poderá condensá-la em uma denominação. Em outras palavras, o falante é capaz de estabelecer as equações A é B, cuja expressão lingüística é uma definição, e B chama-se A, cuja expressão lingüística é uma denominação. A aquisição desse funcionamento metalingüístico do código se faz necessária para a produção e intelecção de textos.

Se o falante não desenvolver essa capacidade de tradução intralingual, ele não será capaz de produzir textos. É a partir desse 'saber armazenado' de uma forma condensada ou de uma forma expandida que ele produzirá o seu microuniverso discursivo. A construção textual, depende, portanto, desse jogo de traduções intralinguais. Nesse sentido, todo texto se apresenta como uma definição e expressa uma cognição: emite um saber sobre o que ele fala. O texto pode então ser concebido como uma expansão definicional de um tema central – muitas vezes condensado, principalmente na sua forma escrita por um título, que é a sua denominação – que por sua vez pode ser definido ao longo do texto de diferentes maneiras.

Na crônica *Visitante noturno* (anexo), de Carlos Drummond de Andrade (1984), por exemplo, o tema é condensado por um nome que tem por *designatum* 'aquele que visita', delimitado pelo termo *noturno* que estabelece, a partir de seu *designatum* 'relativo à noite', uma diferença específica. Estabelecidos esses interpretantes do código, segundo terminologia de Edward Lopes (1978), é necessário saber quem é este visitante noturno. O título propõe uma charada. Para decifrá-la, o leitor tem de destrinchar o *designatum* 'aquele que visita'. Esta definição é demasiadamente genérica. O gênero próximo 'aquele que' é uma classe aberta onde cabem inúmeros seres que apresentam o traço *transitoriedade*.

Logo, no início da primeira linha, encontra-se a tradução do gênero próximo do *designatum* de *visitante*, 'aquele que visita'. O interpretante contextual, isto é, intradiscursivamente, 'aquele que' equivale a *inseto*. Denominado o *visitante* de *inseto*, o texto se preocupará em especificá-lo, no sentido de construir o referencial para que o 'saber', que deverá ser compartilhado, possa ser compreendido. Para tanto, será trabalhada, ao longo do texto, a construção do interpretante do termo *visitante* equivalente a *inseto*, a partir de um jogo de traduções entre classes mais genéricas e classes mais específicas.

Primeiramente, o termo *inseto* é enquadrado na classe neutralizadora *coisinha*, especificada reiterativamente pela idéia de *pequenez*, sinteticamente no sufixo *-inha*

e analiticamente no adjetivo *insignificante*; menos generalizantes são as classes *animálcuro*, *bichinho*, ainda permanecendo a idéia de *pequenez* nos sufixos.

O grau de generalização atinge o ponto máximo quando '*aquela que*' equivale a *aquilo*, acrescido do comentário sobre a denominação do *inseto*.

E na dúvida, era melhor deixar viver aquilo, que nem nome tinha para ele.

O desconhecimento do tipo de *inseto* é responsável pelo seu não enquadramento em uma classe; não há a colocação em uma taxionomia, permanecendo o gênero próximo *coisa*, na definição comparativa:

Era alguma coisa parecida com um botão marrom rombudo (...)

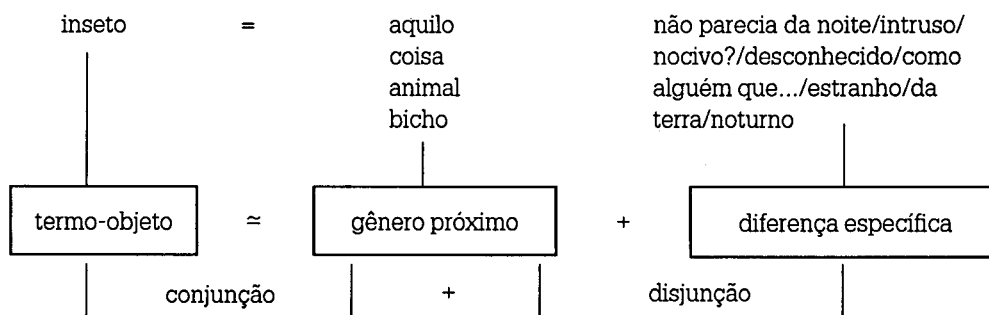
Com essa comparação o termo *inseto* é transferido da classe dos seres vivos, especificamente *bicho*, para a classe dos seres não vivos, *objetos*. A tradução desse novo *designatum* de *inseto* por meio dessa comparação, que é uma definição intradiscursiva do termo *inseto*, permite a inteligibilidade da condensação, usada a seguir, sob a forma de uma denominação metafórica:

Entretanto, o botão vivo o fizera, e ali estava, tranqüilo ou cansado (...)

A construção do referencial da classe *visitante* é completada com as seguintes determinações ou diferenças específicas:

não parecia bicho da noite
o intruso
nocivo?
desconhecido
como se alguém viesse de longe para vê-lo, fazer-lhe companhia
estranho
da terra
noturno

A junção desses gêneros próximos com as diferenças específicas constróem o *saber* intradiscursivo de *inseto*:



Por uma operação de conjunção, o termo *inseto* é colocado em classes genéricas que vão desde o arquissemema neutralizador *aquilo*, que serve para qualquer classe, até o neutralizador *bicho*, específico de uma classe dos seres vivos. Pela operação contrária de disjunção, as diferenças específicas individualizam o termo *inseto*.

Assim como o referencial de *visitante noturno*, que é um dos atores do texto, é construído, também se constrói o de outro ator: o do escritor. Perturbado diante do pequeno intruso, que lhe distanciara do ato de escrever, as denominações intradiscursivas de escritor são primeiramente: *juiz automeado, algoz em perspectiva, verdugo*. A identificação do *inseto* equivalente a *visitante*, transforma a sua atitude; ele passa a ter as denominações: *sentimentalão, observador crítico, gigante indeciso*.

O *visitante-inseto*, não tendo um correspondente nas enciclopédias, não pertence a uma classe: é uno. Para o solitário escritor, passa a equivaler a *companheiro*. Portanto, tem-se a seguinte correlação de interpretantes no texto, ou seja, as seguintes equivalências:

inseto ≈ visitante ≈ companheiro

A antropomorfização do *inseto* se completa quando:

1º) o escritor se transforma de sujeito que olha, a objeto olhado:

Já não escrevia. Olhava. Mirava. Sentia-se também olhado e mirado, quando o inseto fez ligeiro movimento que o colocou diretamente sob o foco de luz. Seria exagero encontrar expressão naqueles dois pontinhos negros e reluzentes, mas o fato é que deles parecia vir para os olhos do homem um sinal de atenção ou curiosidade. E os dois, homem e inseto, assim ficaram longo tempo, na muda inspeção, ou conversa, que não conduzia a nada;

2º) o escritor reflete, com sua presença, sobre a incomunicação humana:

A nada? Muitas conversas entre homens também não levam a resultado algum, mas há sempre a esperança de um entendimento que pode vir das palavras ou de uma troca desprevenida de olhares. E o olhar pode penetrar mais fundo que as palavras. O homem sabia disto. Mas aí notou que, sabendo alguma coisa, não era perito em ver diretamente o real. A figura do inseto dizia-lhe pouco. Dos dois, talvez fosse ele, homem, o que menos habilitado se achava para uma forma de comunicação, alguém – ou além – dos códigos tradicionais.

Finalmente, como toda a visita é transitória, no último parágrafo, a definição de *visitante* se completa com a diferença específica: *havia desaparecido*. Mas o *inseto-companheiro* não é qualquer *visitante*, continua a ser construído no texto. Com o comentário *Não é todas as noites que um inseto nos visita*, passa a equivaler ao *inesperado*, porque provoca uma ruptura que desencadeia a reflexão sobre a diferença entre homem/escritor:

E, se consegue insinuar-nos alguma coisa, esta nunca jamais foi captada para os homens que merecem crédito; só os ficcionistas é que costumam registrá-la, mas quem leva a sério ficcionistas?

Portanto, intradiscursivamente, tem-se:

inseto-visitante-companheiro ≈ inesperado

O que se pode perceber, na crônica de Drummond, é que o texto parte de interpretantes do código e constrói o sentido discursivo. Os termos são parafraseados

por meio de traduções intralinguais, cujas formas da expressão são definições/denominações. É a propriedade da elasticidade do discurso – a diferentes expansões definicionais podem corresponder diferentes condensações denominativas – que permite que cada texto seja um texto único. O texto se apresenta como um microuniverso discursivo resultado de um trabalho de julgamento metalingüístico sobre as unidades da língua. No ato de fala, diferentes unidades de língua passam a ser equivalentes desde que se construa um novo interpretante. Nesse sentido, o texto pode ser concebido como o espaço da construção da significação. É, no texto, que o plano da expressão se cola ao plano do conteúdo, instituindo o contrato discursivo.

Em outras palavras, o texto deve conter elementos informativos que possibilitem criar um efeito de verdade que possa ser compartilhado. Para a construção dessa verdade, que pode ser só textual, não tendo nada a ver com o mundo dito 'real', o falante tem de elaborar traduções intralinguais, falar sobre o que ele fala. O texto sob o essa perspectiva é sempre um duplo: fala e se fala.

Anexo

Visitante noturno

Carlos Drummond de Andrade

O inseto apareceu sobre a mesa como todos os insetos: sem se fazer anunciar.. E sem que se atinasse por que motivo escolhera aquele pouso. Não parecia bicho da noite, desses que não podem ver lâmpada acesa, e logo se aproximam, fascinados. Era uma coisinha insignificante, encolhida sobre o papel e ali disposta, aparentemente, a passar o resto de sua vida mínima, sem explicação, sem sentido para ninguém.

Ninguém? O homem, que tem o hábito de ficar altas horas entre papéis e livros, sentiu-lhe a presença e pensou imediatamente em esmagar o intruso. Chegou a mover a mão. Não o mataria com os dedos, mas com outra folha de papel.

Deteve-se. Não seria humano liquidar aquele bichinho só porque estava em lugar indevido, sem fazer mal nenhum. Inseto nocivo? Talvez. Mas sua ignorância em entomologia não lhe dava chance de decidir entre a segurança e a injustiça. E na dúvida, era melhor deixar viver aquilo que nem nome tinha para ele. Com que direito aplicaria pena de morte a um desconhecido infinitamente desprovido de meios sequer para reagir, quanto mais para explicar-se?

O inseto parecia pouco ligar para ele, juiz automeado e algoz em perspectiva. Dormia ou modorrava sobre a mesa literária, indiferente, simplesmente. Chegara por acaso, sumiria daí a pouco; deixá-lo viver a seu modo, que era um viver anônimo, desligado de inquietações humanas, invariável dentro da natureza: curto e pobre.

Uma ternura imprevista brotou no homem pelo animálculo que momentos antes pensara em destruir. Como se alguém viesse de longe para vê-lo, fazer-lhe companhia, em sua noite de trabalho. Não conversava, não incomodava, era uma questão apenas de estar à sua frente, imóvel, em secreta comunhão. Ele fora o escolhido de um inseto, que poderia ter voado para outro apartamento, onde houvesse outra vigília de escrevedor de coisas, mas aquela fora a casa de sua preferência.

A menos que o acaso determinasse aquele encontro. Era possível. O inseto voara a esmo. O homem quis aferrar-se a esta hipótese, bem plausível. Já se envergonhava de ter envolvido o estranho numa aura

de sensibilidade, e talvez voltasse ao impulso inicial de eliminação. A essa altura, espantou-se com a mobilidade de suas reações. Passava de verdugo a sentimentalão, depois a observador cético e crítico, finalmente perdia-se na confusão das várias atitudes que podemos assumir diante de um inseto instalado na mesa de um escritório, a uma hora que ainda não é madrugada mas já é noite alta e de sono profundo.

Aquietou-se, afinal, na contemplação do “bicho da terra tão pequeno”. Era alguma coisa parecida com um botão marrom rombudo, que tivesse olhos e um projeto de asas – o suficiente para deslocar-se no espaço em aventuras breves. E não era uma aventura simples: a altura do edifício exigia esforço grande para chegar da árvore até o décimo primeiro andar. Entretanto, o botão vivo o fizera, e ali estava, tranqüilo ou cansado, à mercê do gigante indeciso, que procurava entender, não propriamente sua presença, mas a turbção íntima que essa presença despertava no gigante.

O homem não pensou em recorrer às enciclopédias para identificar o visitante. Ainda que chegasse a identificá-lo como espécie, não avançaria muito no conhecimento do indivíduo, que era único por ser entre todos o que o visitava. E na multidão de insetos, imagináveis e inimagináveis, só lhe interessava aquele, companheiro noturno vindo de não se sabe onde, a caminho de ignorado rumo.

Já não escrevia. Olhava. Mirava. Sentia-se também olhado e mirado, quando o inseto fez ligeiro movimento que o colocou diretamente sob o foco de luz. Seria exagero encontrar expressão naqueles dois pontinhos negros e reluzentes, mas o fato é que deles parecia vir para os olhos do homem um sinal de atenção ou curiosidade. E os dois, homem e inseto, assim ficaram longo tempo, na muda inspeção, ou conversa, que não conduzia a nada.

A nada? Muitas conversas entre homens também não levam a resultado algum, mas há sempre a esperança de um entendimento que pode vir das palavras ou de uma troca desprevenida de olhares. E o olhar pode penetrar mais fundo que as palavras. O homem sabia disto. Mas aí notou que, sabendo falar alguma coisa, não era perito em ver diretamente o real. A figura do inseto dizia-lhe pouco. Dos dois, talvez fosse ele, homem, o que menos habilitado se achava para uma forma de comunicação, aquém – ou além – dos códigos tradicionais.

Distraiu-se avaliando essas limitações e, ao voltar à observação do visitante, este havia desaparecido, decepcionado talvez com a incomunicabilidade dos gigantes. Não é todas as noites que um inseto nos visita. E, se consegue insinuar-nos alguma coisa, esta nunca jamais foi captada para os homens que merecem crédito; só os ficcionistas é que costumam registrá-la, mas quem leva a sério ficcionistas?

NASCIMENTO, E. M. F. S. La traduction intralinguale et la production de texte. *Alfa*, São Paulo, v. 36, p. 91-98, 1992.

- **RÉSUMÉ:** Ce travail là a comme objectif démontrer l'importance de la traduction intralinguale pour la production de microunivers du discours. Le pré-supposé de base est que le texte soit construit à partir de paraphrase dénominatives et définitionnelles.
- **UNTERMES:** Définition/dénomination; paraphrase; traduction intralinguale.

Referências bibliográficas

ANDRADE, C. D. Boca de luar. Rio de Janeiro: Record, 1984.

FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: PUF, 1982.

- JAKOBSON, R. Lingüística e poética. In: _____. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, USP, 1969, p. 118-62.
- JAKOBSON, R. Il metalinguaggio come problema linguistico. In: _____. *Lo sviluppo della semiótica*. Roma: Studi Bompiani, 1978. p. 85-9.
- LOPES, E. *Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante*. São Paulo: Cultrix, Secretaria da Cultura, 1978.
- REY-DEBOVE, J. *Le métalangage: étude linguistique du discours sur le langage*. Paris: Le Robert, 1978.